

Mostra promove intercâmbio da arte contemporânea

O Museu de Arte de Belém (MABE) e a Galeria Municipal de Cultura inauguram a partir do dia 6, a mostra "Mapa das Mãos", uma realização do Projeto de Intercâmbio Cultural "Linha Imaginária", que já vem percorrendo os Estados brasileiros desde 1997

A exposição quando não passa pela curadoria

Outro coordenador do Projeto que está em Belém é a artista plástica Mônica Rubin, que não vai participar com trabalhos, mas participou de primeira edição em Belém, em maio de 1997. Mônica trabalha com objetos a partir da apropriação de material. Sidney Phelosen já tentou da questão do gerenciamento direto do artista para a curadoria, sem passar pela questão curatorial: "Isso se contraria à ideia desse salão, que é um salão tradicional, ou seja, o artista precisa ter esse nível de curadoria ou ele já pode gerenciar isso tudo? É uma questão que fica no ar. Não fomos uma entidade com o curador, inclusive convidamos curadores a participar do projeto efetuando leitura para alguma mostra, mas a gente admitiu que esse tipo de gerenciamento traga uma proximidade maior para o público. Interagindo artista e público no ato que a arte contemporânea perde um pouco desse nível convencional de não-leitura, sendo que isso pode discutir direito a sua interpretação com o artista".

Segundo Sidney, um curador faz uma ideia própria, pensa determinado assunto, faz uma base de como abordar esse assunto e seleciona artistas que representam essa ideia. No Projeto "Linha Imaginária" o processo é inverso. O primeiro artista escolhe o projeto e gerencia a sua mostra. O que é feito, na verdade, é a divulgação de um pensamento geral do que é a arte contemporânea brasileira. "Como é um trabalho híbrido, abrangendo várias instâncias, você pode até encontrar uma mostra bastante confusa, só que essa mostra tem a realidade da produção brasileira, e não a ideia curatorial de trazer, de texto. E isso eu acho necessário porque o Brasil não tem uma proximidade com a arte contemporânea, que no Brasil basicamente reside em galerias e não se aproxima, não tem frequência em galeria", diz Sidney.

Arte é uma questão reflexiva, em todos os contextos. Partindo já que a arte em si é um objeto de constatações, análises e interpretações, para alguns pessoas o que significa arte, para outros não significa nada. Sidney tem uma opinião bastante concreta sobre isso: "Isso é um equívoco de cultura. Há uma certa indolência em entender um conceito e buscar uma reflexão. Se a arte não atinge esse domínio, ela não está elevando o principal papel dela na sociedade".

O Projeto pretende promover mais sete mostras em diversos estados ainda este ano. É uma maneira de obter, coletivamente, um livro cultural para o país, através de uma forma dinâmica de apresentar o que acontece de mais contemporâneo em artes visuais no Brasil. A próxima parada do Projeto "Linha Imaginária" será, provavelmente, em Miami, mas as mostras paralelas continuam em várias regiões, ao mesmo tempo.

Com o objetivo de promover o intercâmbio de mostras coletivas de arte contemporânea com a produção local de cada estado visitado e com o acervo do MABE, o Projeto tem uma proposta de gerenciamento por parte dos próprios artistas, não do curador, e trabalha hoje com mais de 300 artistas de todas as regiões de Brasil. Os artistas que se unem ao projeto têm suas obras incorporadas às mostras coletivas que percorrem todo o país, criando assim uma grande rede de exposições que fortalecem e repositam a produção de artes visuais, possibilitando ao artista jovem levar sua produção a outras áreas.

A ideia de todo o Projeto foi do artista paranaense Sidney Phelosen, que mora em São Paulo há 10 anos. Ele percebeu que todos os grandes projetos que aconteciam na cidade obedeciam a um artista para São Paulo e o tomavam um fenômeno de mídia, o que não repercutia de forma global no Brasil. Para transformar essa região do que só poderia ser conhecido realizando mostras locais aqui e ali, Sidney vem apresentando, através de sua ideia, que isso não é totalmente verdade, e que cada região pode trazer experiências artísticas com outras. Daí a ideia de convidar artistas para outras cidades, para apresentar seus trabalhos mas também aprender com as culturas locais, adquirindo hábitos novos.

Sendo 13 artistas participando da mostra "Mapa das Mãos", com uma peculiaridade: haverá duas equipes participando, são pessoas que não trabalham com artes plásticas mas que fazem considerações por serem profissionais em uma matéria a partir de um conceito de plasticidade e de estética. Trata-se de um jornalista e uma editora de livros de arte, que irá apresentar um projeto gráfico de uma série de livros. Os 13 estilos representados variam entre pintura, desenho, fotografia, objetos e instalações. Desta mostra participam os artistas Alex Cabral, André Lima, Débora Santiago, Eduardo Salvo, Fábio Freire, Fátima Marina, Jorge Meira Damato, Luiz Brandes, Marcelo Salvo,



Montagem da mostra nos salões do museu e galeria municipal

Obra de Alex Cabral

Orlando Maneschy, Raquel Leivas e Sidney Phelosen.

Eduardo Salvo, de Belo Horizonte, vai apresentar trabalho "Analisador de Frequência", uma instalação composta por galhos e materiais alternativos, fazendo uma discussão de biologia que pode ser vivida das plantas. "Essa obra fala sobre a dimensão do espaço. É uma forma paralela apresentando o orgânico e o possível. É a escultura relatada no universo da biologia sem abandonar a característica física de matéria, não perde o aspecto de galho invadido e percorrido pelo observador dentro da galera", explica Eduardo.



Serviço

A Mostra "Mapa das Mãos" abre no próximo dia 06, às 20h, e fica até o dia 31, no Museu de Arte de Belém (Praça D. Pedro II, s/n).

Foto de Fábio Freire

